

TIAGO JOSÉ RISI LEME

«FAZENDO O BEM SOBRE A TERRA»

A vida de Santa Teresinha e dos seus pais,
São Luís e Santa Zélia

Ilustrações:
Veruschka Guerra

PAULUS



APRESENTAÇÃO

Querida leitora, querido leitor!

Talvez conheças alguém com o nome de Teresinha. Pode ser alguém da tua família... Eu, por exemplo, tive uma avó e duas tias chamadas Teresinha. Também deves conhecer uma igreja, uma escola, um bairro ou até uma rua na tua cidade que tenha sido dedicada a Santa Teresinha. Na verdade, ela é uma das santas mais queridas e conhecidas, não apenas em Portugal mas em todo o mundo. Centenas, ou até milhares, de paróquias e colégios receberam o seu nome. Na minha cidade, Bragança Paulista, há uma igreja muito bonita construída em sua honra, com frescos lindíssimos que representam momentos importantes da sua vida. Talvez tu também possas dizer que conheces uma igreja muito bonita a ela dedicada, ou até a visites com a tua família ou com os teus amigos!

Mas afinal, quem foi Santa Teresinha e porque é que ela é tão importante? Porque é tão amada pelos católicos em todo o mundo?

É isso que gostaria de te contar, de forma simples e profunda, mas sobretudo pedindo a luz do Espírito Santo e a intercessão desta grande santa, para que tu também, assim como eu, possas tornar-te um grande devoto ou uma grande devota de Santa Teresinha e, principalmente, possas receber muitas graças para a tua vida, para a vida da tua família e dos teus amigos, pela sua poderosa intercessão.

PAULUS

PAULLUS





PAULUS

FILHA DE ZÉLIA E LUÍS MARTIN, UM CASAL DE SANTOS

Não é possível compreender a vida de Santa Teresinha sem mergulhar primeiro na vida dos seus santos pais. Como disse Jesus, conhecemos a árvore boa pelos seus frutos (Lc 6,44). Teresinha foi o fruto mais belo e maduro dessa árvore frondosa e florida que foram Zélia e Luís.

Os seus pais eram Luís Martin, que trabalhava como relojoeiro, e Zélia Guérin, que tinha uma oficina de costura de rendas bordadas. Tinham uma vida estável, diríamos hoje, mas viviam com simplicidade e eram muito generosos. Visitavam os doentes, ajudavam os pobres e, apesar do muito trabalho, respeitavam sempre o descanso do domingo, dia em que participavam na Missa, se dedicavam à caridade e também ao merecido convívio e lazer em família.

Luís nasceu em Bordéus, em 1823. Os seus pais eram profundamente católicos e tiveram outros filhos além dele, mas todos faleceram ainda em criança. O pai de Luís tinha sido capitão do exército francês e lutara nas guerras do imperador Napoleão Bonaparte. Em 1830, a família mudou-se para Alençon, na região da Normandia. Luís, no entanto, não quis seguir a carreira militar do pai: preferiu aprender a profissão de relojoeiro com o seu tio, na cidade de Rennes, quando tinha cerca de vinte anos. Antes de conhecer Zélia, Luís desejava ser padre ou, mais ainda, monge. Sentia-se atraído pela vida contemplativa, também chamada vida monástica. Gostava de contemplar a natureza, que para ele era uma prova viva da existência de Deus. Muitas vezes pegava no seu bastão de peregrino e caminhava pelos campos e pelas montanhas. Em 1843, quando tinha vinte anos, atravessou a pé os Alpes suíços para conhecer o Mosteiro do Grande São Bernardo, situado a mais de dois mil metros de altitude. Queria viver naquela comunidade de monges que se dedicava à oração e ao salvamento de alpinistas e peregrinos perdidos nas montanhas. Mas, quando descobriram que Luís não tinha estudos suficientes, nem sabia latim, a língua da Igreja na época, os monges não o puderam aceitar. O abade aconselhou-o a concluir os estudos e a aprender latim. Porém, devido a uma doença, Luís desistiu desse caminho, vendo nisso um sinal de Deus.

Depois dessa experiência, foi para Paris continuar a sua formação de relojoeiro. Na capital, gostava de visitar o santuário de Nossa Senhora das Vitórias, de quem era muito devoto. Concluída a formação, regressou a Alençon e, aos vinte e sete anos, instalou-se como relojoeiro. O tempo foi passando e, aos trinta e quatro anos, ainda não se tinha casado. A sua mãe, Fanny Martin, não ficava nada satisfeita ao ver o filho solteiro. Aliás, foi ela a maior incentivadora do namoro entre Luís e Zélia.

Zélia nasceu em 1831, em Saint-Denis-sur-Sarthon. Tal como o pai de Luís, também o seu pai era militar e tinha participado nas guerras napoleónicas. Recebeu uma educação muito rígida, com pais severos e pouco afetuosos. Desde pequena, Zélia teve uma saúde frágil e, na adolescência,

sofria de dores de cabeça terríveis. Estudou com as Irmãs da Adoração Perpétua e tinha dois irmãos: Maria Luísa (também chamada Elisa), mais velha, e Isidoro, dez anos mais novo. Os três mantinham uma relação muito próxima: as irmãs eram confidentes uma da outra e o irmão era amado por ambas como se fosse um filho. Por causa da educação recebida em casa, Zélia tornou-se uma jovem insegura e com pouca confiança em si mesma. Mas encontrou sempre em Deus a sua força, repetindo as palavras do Apóstolo Paulo: «Quando sou fraco, então é que sou forte» (2Cor 12,10). Aos vinte anos, sentiu-se atraída pela vida religiosa e procurou uma comunidade das Filhas da Caridade. No entanto, Deus tinha outros planos para ela: a superiora não acreditou na sua vocação e não a aceitou.

Zélia decidiu então aprender a profissão que exerceria até ao fim da vida: a de costureira de renda de Alençon, uma renda muito delicada, com desenhos florais entrelaçados, tão admirada que chamara a atenção do próprio imperador Napoleão. Trabalhou primeiro numa fábrica e depois, em conjunto com a irmã, abriu o seu próprio espaço. As duas ficaram ainda mais unidas. Mas, em abril de 1858, Maria Luísa entrou num convento da Ordem da Visitação, fundada por São Francisco de Sales e Santa Joana de Chantal. Para Zélia foi uma grande dor, mas Deus não a deixou sozinha: nesse mesmo mês, ela iria conhecer Luís.

